



# **Terno de Reis de “ouro Verde”, Abaíra, Chapada Diamantina (BA): um estudo sobre cultura popular**

Ildimar França<sup>1</sup>.

Artigo Recebido em: 15/10/2017

Artigo Aceito em: 20/11/2017

## **RESUMO**

O artigo mostra o Terno de Reis de “Ouro Verde”, Abaíra, Chapada Diamantina (BA) como uma manifestação cultural popular constituída a partir de elementos pertencentes ao universo *da roça*, categoria por mim criada. Pergunto: Em que sentido o *ser da roça* é o que faz desse Terno, uma tradição continuada a partir das tensões e conflitos, nos processos de reconfigurações e hibridizações? Por se reconfigurar e hibridizar, o reisado não está posto no tempo com algo rígido e acabado. Neste sentido, reporto-me a um conjunto de práticas e representações, calcadas nas relações de poder, que se expressam na festa, a fim de identificar singularidades desta prática lúdica e religiosa.

**Palavras-chave:** Chapada Diamantina (BA). Cultura Popular. Terno de Reis.

## **King of "Green Gold" Kingdom, Abaíra, Chapada Diamantina (BA): a study on popular culture.**

## **ABSTRACT**

The article shows the suit of Kings of "Ouro Verde", Abaíra, Chapada Diamantina (BA) as a popular cultural manifestation constituted from elements belonging to the universe of the field, category I have created. I ask: In what sense is the being of the field what makes this Suit a continuous tradition based on tensions and conflicts, in the processes of reconfigurations and hybridizations? By reconfiguring and hybridizing, the kingship is not timed with something rigid and finished. In this sense, I refer to a set of practices and representations, based on the power relations that are expressed in the party, in order to identify the singularities of this playful and religious practice.

**Keywords:** Chapada Diamantina (BA). Popular culture. Suit of Kings.

## **O Lugar do Terno de Reis**

---

<sup>1</sup> Professor da Escola Estadual José Venâncio de Sousa em Águas Vermelhas, Minas Gerais. Historiador formado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em 2005. Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, em 2009. Contato: [prof.ildimar@gmail.com](mailto:prof.ildimar@gmail.com)  
Link do Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4751127E6>

O Terno de Reis de “Ouro Verde” é uma manifestação de cultura popular que acontece numa região da Chapada Diamantina, Bahia, que leva o mesmo nome do distrito: Ouro Verde. Pertence ao município de Abaíra, localizando-se a pouco mais de 15 km da Sede e a 568 km de Salvador, seguido pela rodovia de acesso BR 242 e pela BA 148. Trata-se da Zona Meridional da Chapada Diamantina, que tem as seguintes coordenadas geográficas: 13° 12’ 20° de latitude sul e 41° 44’ 30° de longitude W. Gr. Rumo, a partir da capital do Estado. (FRANÇA, 2010). Observe localização nos mapas abaixo:

**Figura 1:** Mapa da Brasil em cinza. Localizando-se Abaíra, a partir do mapa da Bahia.



**Figura 2:** Mapa da Bahia. Localizando-se a Chapada Diamantina



Pertencer a Ouro Verde, ou seja, *ser da roça*, pois Ouro Verde é uma comunidade essencialmente rural, é uma condição fundamental para a permanência do Terno de Reis. Estou afirmando, em outras palavras, que, sem os elementos inerentes ao universo rural, roceiro ou *da roça*, não poderia falar em Terno de Reis, nessa porção da Bahia. Isso porque o morador *da roça*, ao longo do tempo, soube melhor lidar com a memória religiosa reiseira, nos conflitos ou contradições, ao hibridizar-se culturalmente.

Soube superar as tensões, advindas do contato com as Sedes, ao enfrentar, por exemplo, preconceitos históricos, calcados nos estereótipos, imprimidos por parte de um grupo de moradores, ao tripudiá-los pejorativamente, com a categoria: os *da roça*. Em alusão, talvez, à simplicidade dos trajés, os traços faciais, jeito de andar e expressar, que são costumeiros aos moradores rurais.

Os trajés, salvo raríssimas exceções, não são requintados ou acompanham o que a modernidade e a cultura urbana denominam enquanto moda. Os traços faciais têm marcas mais acentuadas oriundas da labuta na roça. Presença mais marcante da incisão solar, por isso mesmo, um chapéu confeccionado em palha ou couro, a adornar metade do rosto ou quase todo o rosto. O jeito de andar, com os braços cruzados para trás, ou a corcunda levemente inclinada para frente, podem demonstrar uma porção de sentimentos, que não são objeto de preocupação deste artigo, mas que nos chama a atenção para uma questão de como o corpo se comunica. O



vocabulário ou expressões fonéticas, nem sempre se aproximam da linguagem ou norma culta da língua portuguesa, que os moradores urbanos, julgam terem maior afinidade.

A geração do Terno de Reis, do tempo presente, do Mestre Seu Agripino Alves, optou por resignificar a nomenclatura *da roça*. As tensões, o preconceito, o modo como o sujeito da cidade olha o sujeito do campo, a relação de poder, tudo isso contribuiu para apostar numa inversão de valores. O grupo passou então a dar outro sentido ao ser *da roça* e entender que é sendo *da roça*, que se torna efetivamente um reiseiro. E, o que se entende por ser *da roça*, categoria tantas vezes aqui citada?

Diferentemente da rotina do trabalhador da Sede, o homem *da roça* lida com o tempo do cio dos animais: o cruzar, o parir e o amamentar do gado. Arado, enxada, enxada, picareta, foice, facão, pá e machado são instrumentos auxiliares nas tarefas diárias. Ao contato com a terra, pode o camponês trabalhar pelo sistema de parceria com o proprietário sendo meeiro um de outro. Nos engenhos, fabrica puxa, rapadura e cachaça; nos terreiros, seca, pila e mói o café. Entende sua casa como “santa” e que Deus a deu como morada.

O homem do campo, *da roça* reconfigura suas tradições ao se reportar aos objetos materiais de devoção, aos santos e aos Reis Magos; através dos ditados, provérbios e “causos”, transmite a memória oral; nas relações de compadrio, estreita amizades; nas celebrações de inúmeros festejos religiosos, nos sabores culinários, nas cantigas ou antigas modas sertanejas ou nos chás e remédios caseiros, (re)elabora traços de suas identidades. E assim, nascem as inspirações para as criações, conforme podemos observar nessa quadra de um cântico reiseiro, que, mesmo não sendo do Terno de Ouro Verde, figura entre o repertório escolhido. Música de reisado. Em Abaíra, é entoada no Momento Louvor

Oh Deus salve a casa santa}2X  
Onde Deus fez a morada}2X  
Onde mora o cálice bento}2X  
E a hóstia consagrada}2X

A relação entre poder, economia e cultura está no cultivo do café e da cana-de-açúcar, produtos tipicamente locais. O roceiro reiseiro vende sua força de trabalho em intermináveis filas de cafezais e canaviais. Nos cafezais e canaviais leva a marmita - enrolada em pano de prato. Leva a garrafa térmica e os biscoitos - brividade, sequilho, avoador -, estímulos ao segundo turno de trabalho. Músicas de reisado, ladainhas, cantorias e repentes ajudam a tornar a labuta na roça menos estafante.



Na roça, excedente de algodão pode ser trocado com as tecedeiras por panos tecidos; pode o dono de moinho tomar o milho em troca da moagem do fubá; derivados da cana-de-açúcar podem ser cambiados em porcentagens com proprietários de engenho. Artesanatos também há, quando da fabricação de balaios, chapéus, esteiras, peneiras, vassouras de palhas de coqueiro. Selas de animais, arreios ou bruacas podem ser instrumentos de troca por sacos de farinha de mandioca, sacos de feijão, arroz ou pelo que faltar em casa. O peão de boiadeiro da roça conhece cada metro dos acidentes geográficos.

Em andanças pela Chapada Diamantina, tem na estrada a boiada como companhia, mercadoria a ser deslocada de um pasto a outro. Na Semana Santa, o homem da roça costuma ir às procissões católicas, sobretudo a procissão de Domingo de Ramos, levando palhas de coqueiros para serem abençoadas. Essas palhas, após o ritual, ficam guardadas em casa, sendo usadas principalmente a partir do Ciclo Natalino, nas tempestades do verão. Então ele queima a palha, chamada de *palha benta* na intenção de acalmar os raios, os trovões e os ventos fortes - fenômenos naturais comuns e intensos neste período do ano. Também é da Igreja Matriz de Piatã, cidade vizinha, que o camponês leva para sua roça o *pão do divino*, ou seja, um pãozinho de cor branca que deve ser colocado à lata de farinha, para que, segundo a crença local, nunca falte o alimento.

Quando as festas mais populares terminam, sempre há na casa do vizinho o baile d'água. Comemoram-se temas diversos como: boa colheita do feijão, do milho ou da mandioca; festas de padroeiros, casamentos, aniversários ou formaturas; o espaço pode ser uma latada ou a sala maior da casa. O candombá, espécie de planta inflamável, é usado para acender o fogão à lenha, enquanto aves no poleiro são escolhidas para o cozido. Pode ocorrer de alguém arrear um animal, para tração das engenhocas da casa de farinha, de onde se produz beiju, pão e farinha. A força dos animais, movimentada sempre em círculos, puxa os cavaletes que, por sua vez, impulsionam ainda o ralador de milho para o fabrico de canjica, mingau e polenta.

Essas iguarias são preparadas no Ciclo Natalino; em bailes d'água alimentam forrozeiros, triangueiros, zabumbeiros e foliões. Esse é o universo o qual se inserem os foliões do Terno de Reis de Ouro Verde. O folião roceiro lida com sua terra ou em fazendas de pequenos e médios produtores, limpando, plantando ou colhendo café, feijão, arroz e cana-de-açúcar. Traz no rosto sinais de queimaduras de sol e nas mãos calos que indicam pouco ócio. Reside em torno de uma capela ou vendinha, tendo duas, três ou mais habitações de vizinhanças.



Esse universo rural, *da roça*, constantemente reinventado é o que propicia as bases emblemáticas do Terno de Reis de Ouro Verde. Continua assim:

**Repertório:** As músicas religiosas cantadas falam de animais, insetos, plantas e plantações; falam de marimbondo, cavaleiros, cordeiro, manjerição, lavoura de feijão, cravo, rosa e galo.

Exemplo:

Cântico de Entrada do Terno de Reis de Ouro Verde

Senhor dono da casa,  
Deus lhe dê uma boa noite,  
Boa noite Deus lhe dê,  
Alegremente cantamos.  
Nós somos de longe  
E queremos ver } 2X – Refrão  
Deus lhe dê uma boa noite  
Com prazer e alegria...  
Refrão  
Cavaleiros são aqueles  
Que lá vai beirando o mar,  
Vai atrás de Jesus Cristo que veio a cantar

**Culinária:** Os alimentos preparados para eles, e às vezes por eles, são produzidos na roça. Com o milho se faz cuscuz, canjica, bolo, mingau; cana-de-açúcar transforma-se em cachaça, tijolo, rapadura, puxa e licores; leite transforma-se em queijos, doces e manteigas; mandioca em farinha, maniçoba e beiju; leguminosas em pirão e cortados; cítricos em suco; arroz em comida ou doce; boi, bode ou frango são usados para o tira-gosto ou farofas.

**Indumentária:** As calças, as camisas, sapatos e chapéu dos reiseiros ou são costurados ou remendados pelos moradores da roça. As esposas dos foliões usam máquina de costura ou as próprias mãos para coser rasgões de roupas, bordar estandartes, confeccionar luvas, toucas e cachecóis para o tempo de frio. Os chapéus são enfeitados com fitinhas do Bom Jesus da Lapa (importante cidade de romarias do interior da Bahia) ou do Senhor do Bonfim (Salvador), tiras de plásticos, penas de pavão, flores e espelinhos que, normalmente, são usados pelos moradores da roça.

**Presépio:** O local destinado ao Menino Jesus é reconstituído a partir de enfeites encontrados na roça, como amendoeira, barba de velho, bromélias, cactos e sempre-viva. Com o material em mãos, o devoto passa a definir o local onde se armará o presépio. Um bloco aqui, um tijolo ali, um pouco de colar acolá; enfeites, enfeites e mais enfeites, aos poucos, o presépio vai tomando forma. No segundo momento, colocam-se luzes, cartões de Natal, brinquedos, queda d'água, pisca-pisca, fotos de familiares. Na ala sagrada da gruta, além da imagem do Deus-

Menino, são expostas as imagens de São José, Nossa Senhora, dos Reis Magos que, por sua vez, estão sob atenção dos animais que vão visitá-los.

**Figura 3:** Presépio da moradora Maria Helena (2007).



**Instrumentos musicais:** Há instrumentos usados pelos reiseiros que também são confeccionados na roça. Pandeiro de couro de boi. Pífanos feitos de mangueira, cano ou bambu; triângulo pode vir de pedaço de ferro de construção civil; bumbo, de couro de veado; duas latas velhas podem virar um agogô; dois copos de alumínio emendados, contendo areia ou pedras, podem se transformar em chocalho, conforme podemos observar nas imagens abaixo que se referem as apresentações do Terno de Reis de Ouro Verde em dois momentos distintos: 2008, município de Abaíra. 2016, município de Piatã.

**Figura 4:** Apresentação em 2016.



**Figura 5:** Apresentação em 2008



### **Terno de Reis: o que é?**

Muitos autores descrevem o Terno de Reis como uma manifestação cultural que, acordo com o lugar do Brasil, pode ter variadas denominações: *Banda de Folia de Reis*, *Folia de Santo Reis*, *Reisado*, *Terno de Santo Reis*, *Música de Folia de Reis*, *Caixa de Folia de Reis*, *Bumba-meu-boi*, *Boi de Reis*, *Boi-Bumbá* ou simplesmente *Boi*.





Aqui na Chapada Diamantina, no entorno dos municípios de Abaíra e Piatã é mais comum a denominação *Reisado, Reis ou Terno de Reis*. Aqueles que cantam são chamados de *foliões, brincantes, reiseiros* ou *cantadores de reis*.

Diferentemente de outros Ternos, em Ouro Verde, não há rainha, rei ou contramestre. Há o mestre, que é chamado por todos pelo nome. Quem acompanha “Seu Fulano” são os seguidores, cantadores ou cantores de “Seu Fulano”, e que pertencem ao reisado tal. Por exemplo: Seu Agripino Alves, por ser o mestre é considerado, entre aspas, o dono do Terno de Ouro Verde. Passa-se a referir ao Terno da seguinte forma: Terno de Reis de Ouro Verde de Seu Agripino.

O Terno de Reis de Ouro Verde de Seu Agripino brinca fundamentalmente de recriar o mito dos três reis magos. Há um conjunto de histórias capaz de recriar não mais apenas o real vivido, mas um agregado de símbolos que, articulado às experiências do cotidiano roceiro, produz na folia, uma espécie de anti-texto com relação à racionalidade que produzem estereótipos e preconceitos, nas relações sociais, muitas vezes encontradas nas Sedes de Abaíra e Piatã.

A identidade desse Terno se fundamenta no conjunto de signos e significados cujas matrizes estão no universo rural, presente nos rituais, nas ladainhas, na culinária, nos instrumentos musicais, nos adereços, conforme me reportei anteriormente.

De forma mais geral, entendo o Terno de Reis como um tipo de representação que é animada por músicos do próprio ambiente das localidades, seguidos de um modesto número de outros brincantes, vestidos de roupas simples e enfeitadas de flores e fitas, portando chapéu de palha. Levam nas mãos imagens de santo e estandartes coloridos, tocando viola, violão, zabumba, às vezes, sanfona.

Os reiseiros, ritmados por um extenso repertório musical, saem de casa em casa de festeiros à procura do Menino Jesus. Encontrarão o Menino Jesus no presépio ou na lapinha (como alguns costumam chamar) e, com isso, expressarão sua adoração a Deus. As apresentações do reisado iniciam com a cantoria na porta da casa do devoto; depois, diante da lapinha, cantam-se chulas, sambas e modas de viola; por fim, na marcha de saída, os foliões se despedem e vão para outra casa repetir o mesmo ritual. Terminado o ritual, o dono da casa lhes oferece bebida e comida em fartura. No variado cardápio, pode-se encontrar beiju, pipoca, milho cozido, rapadura, farofa. Na parte de bebidas, licor e, principalmente, a cachaça – no dizer de Câmara Cascudo (1972), a mais popular das bebidas brasileiras.



Aqui na Chapada Diamantina, podemos observar ainda as seguintes etapas do reisado, que para melhor compreensão denominei da seguinte forma:

*Momento 1: Chegada.* O momento que antecede a abertura de porta, quando quem os aguarda de longe, atentos ao som dos instrumentos, aguarda ainda a cantoria nas portas, que estão fechadas e luzes externas apagadas.

*Momento 2: Entrada.* Após a música de chegada e a repetição de *Viva Santo Reis e os Donos da Casa*, o grupo entra silenciosamente dirigindo-se imediatamente ao presépio.

*Momento 3: Louvor.* Momento destinado exclusivamente aos cânticos de louvores diante do presépio.

*Momento 4: Integração.* Quando do primeiro louvor, reiseiros, donos da casa e curiosos se dispõem a dialogar, a comer e a beber, e os foliões receberem ofertas. Há uma mistura de sensações e sentimento e não sabemos ao certo, nesse contexto simbólico, o que é sagrado e o que é profano.

*Momento 5: Despedida.* Momento posterior à integração, quando o reisado se prepara para sair, cantando outro hino de louvor, e despede-se dos donos da casa.

### **Terno de Reis: de onde vem?**

A jornada que os reiseiros fazem, de presépio em presépio, durante a festa Reis realizada entre as vésperas de Natal até o dia 6 de janeiro, dia de Santo Reis, reconstitui de forma carnavalesca, ao mesmo tempo religiosa, a trajetória dos três Reis Magos numa das passagens bíblicas do Novo Testamento:

Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judéia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, e perguntaram: Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para prestar homenagem (Evangelho de Mateus, 2, 1).

Foram esses os reis que, segundo a tradição cristã, presentearam o recém nascido Jesus com ouro, incenso e mirra, como símbolo, respectivamente, de realeza, divindade e humanidade. Ao longo da história, entretanto, as referências atribuídas aos Magos do Oriente – Gaspar, Melchior e Baltazar – mudaram significativamente. No século II, começaram a surgir as primeiras imagens esculpidas ou pintadas dos Santos Reis. A partir de então, o imaginário do devoto passou a guardar mais um incremento à sua fé. Desde a Idade Média, jogos, danças,



bailes, desfiles e espetáculos (autos) representam manifestações populares celebradas do período que vai do Natal ao dia de Reis.

Adicionam-se a esses festejos os folguedos ligados ao carnaval, onde se comemoravam o antigo e o novo Natal numa dinâmica que celebra passado, presente e futuro. Na Europa Medieval, cortejos de foliões que saíam cantando e dançando pelas ruas de Portugal eram conhecidos como “Janeiras”, “Autos Pastoris” e “Cheganças” (MORAES FILHO, 1979).

Em Portugal, há registros das Janeiras em meados do século XIV na região de Beiras, Minho, Estremadura e Douro, em que um grupo festivo saía em visitas às casas, cantando e tocando em louvor ao Menino-Deus. Como retribuição, esses foliões recebiam bebidas, comidas e outros agrados. Sobre essas festas populares, Moraes Filho observa:

No meio dessas cenas pitorescas, desses dramas infantis, a poesia imitativa tocava ao seu apogeu, por isso que a grande nova emprestava no lirismo a voz aos animais, que expandiam as suas alegrias, pelo nascimento do Deus- Menino. Em seus louvores, o coro era uníssono, os tocadores de cítara partiam nos arpejos das cordas vibrantes, e os poetas entregavam-se ao fervor piedoso de suas inocentes inspirações. Mais tarde os bretões adotaram esses usos, que se generalizaram pela Europa, variando na forma, mas conservando o fundo da tradição (1979, p.47).

Tais costumes, por um longo período, permaneceram no universo popular europeu, chegando ao Brasil por obra dos primeiros colonizadores. Na Bahia, as influências dos Autos Pastoris e das Janeiras se juntaram às contribuições indígenas e negras resultando no Terno de Reis ou “Ranchos de Reis”, como era chamada a folia. No século XIX, os Ranchos de Reis são levados para o Rio de Janeiro, constituindo-se como um dos elementos para a criação das escolas de samba cariocas.

A partir dessas informações, podemos observar que o reisado consiste em costumes legados pelo colonizador, que sofreram modificações e se reconfiguram em virtude do processo de miscigenação. De forma não estereotipada, da contribuição europeia podemos encontrar a devoção às personalidades sacras, aos mártires, as letras das músicas; da contribuição indígena, temos a participação no momento da ladainha, a utilização dos instrumentos de sopro; e da contribuição de origem africana, encontramos os tambores, zabumbas, caixas e algumas coreografias, que se assemelham em muito às do candomblé (CARVALHO, 2002).

Esse processo de miscigenação tem início nos primeiros séculos de formação do Brasil, quando o catolicismo assumiu um perfil de obrigatoriedade, tornando-se justificativa de integração social na Colônia. Através das paróquias, conventos e irmandades, a Igreja constituía instituições religiosas, das quais a sociedade se via então refém. Por sua vez, os representantes



do Santo Ofício no Brasil puderam patrocinar um clima de medo nas ações repressivas, nos confiscos e deportações. Diante desse quadro, o brasileiro agiu de forma inteligente ao criar uma espécie de catolicismo ostensivo, principalmente nos locais públicos, que buscava invocações ortodoxas em nome de Deus, de Nossa Senhora e demais santos. O brasileiro incorporava, assim, o espírito do “católico fervoroso”.

Tratava-se de uma postura sempre evidente que, por um lado, garantia status social, e por outro, o eximia de quaisquer suspeitas profanas ou heréticas. O “ser católico a todo custo” contribuiu para originar um formalismo típico do catolicismo brasileiro, qual seja, os sincretismos. Como pertencentes aos sincretismos, Eduardo Hoornaert (1974) destaca três realizações concretas do cristianismo dentro da cultura brasileira: o catolicismo guerreiro, patriarcal e popular. Aos nossos estudos da festa de Reis, interessa entender o catolicismo popular.

O catolicismo popular, segundo Hoornaert, é aquele oriundo das contribuições indígenas, africanas e de seus descendentes. Em outras palavras, trata-se de uma filosofia vivida pelos pobres em geral, completamente diferente das demais, e que conferiu ao povo um caráter autêntico e de originalidade cultural.

Se os principais difusores do catolicismo no interior foram os portugueses povoadores e desbravadores do sertão, índios mansos, africanos escravizados e quilombolas, nesse sentido, o catolicismo popular configurou uma espécie de estoicismo, pois aos índios e escravos as opções somente eram: fugir, suicidar ou se envolver com a religião.

Como os bispos, monges e sacerdotes concentravam-se no litoral, onde havia conventos, seminários, colégios e mosteiros, a doutrina católica no interior do Brasil foi feita pelos leigos: mucamas, caboclos, pretos-velhos, miscigenados e não miscigenados. A esse atenuante, adiciona-se ainda a carência de livros e de universidades, que contribuíram para um cristianismo sem fundamentação bíblica e distante da teologia.

Este é o cenário que perdura até a primeira metade do século XVIII, quando procuro me referir ao processo de formação do reisado. Temos então, no catolicismo popular, os sincretismos religiosos, e é essa linha de raciocínio que tomo como base de orientação para meus estudos sobre a Chapada Diamantina.



## **Terno de Reis: qual limite entre o sagrado e o profano?**

De acordo com Eliade (1992), na relação sagrado/profano o indivíduo se atenta para o conhecimento do sagrado quando este se manifesta em oposição ao profano. Eliade compreende ainda que, no Ocidente, é difícil a aceitação do sagrado em objetos rústicos, tais como pedras ou árvores. Não se trata de venerar o objeto pelo objeto, ou seja, a pedra pela pedra, a árvore pela árvore. Durkheim (1977) observou que os objetos não são adorados como o objeto si, mas como revelação de algo que ele não é e sim do que representa.

Assim, quando um reiseiro se propõe a venerar certas simbologias do presépio, criadas à base de pedra ou árvore, na verdade, temos um tipo de *hierofania* que o transporta ao plano metafísico através da fé. Entender, pois, essa linha de raciocínio corresponde a um desafio a determinadas correntes do protestantismo que condenam com veemência a expressão da festa na Chapada. Em sua maioria, essas correntes urbanas, contribuem para reforçar o estereótipo ou preconceito, na relação de poder entre os universos citadinos e rurais.

O conflito simbólico entre o sagrado e profano se dá da seguinte forma: no espaço sagrado, há um “ponto fixo”, que possibilita orientar a homogeneidade caótica do viver real. Quando se propõe manter a homogeneidade, mantém ainda a relatividade do espaço. Resulta, assim, que não há uma *verdadeira* orientação a ser seguida, pois o “ponto fixo” se dinamiza de acordo com as necessidades diárias.

Nos intervalos de tempo sagrado e tempo das festas, em que o tempo profano configura uma duração temporal ordinária, aí se inscrevem certos atos censurados dos significados religiosos. Através dos ritos, o homem religioso pode “passar” sem perigo, da duração ordinária ao tempo sagrado (ELIADE, 1992).

Transitando por entre esses tipos tempos, temos, aqui na Chapada, o folião bêbado, que seria o personagem intermédio entre o sagrado e o profano (BAKHTIN, 1987). O folião bêbado é o indivíduo que, normalmente está presente em algum bar de alguma roça e se ver atraído pela sonoridade do reisado ou pelo próprio movimento da festa.

O folião bêbado representa as liminaridades entre sagrado e profano. Na folia, há zonas de troca, de relaxamento de especificidades, sendo o bêbado o principal interlocutor. Por meio dele, o reisado revigora e continua o extenso itinerário religioso de forma mais enérgica e menos cansativa. O hibridismo está neste personagem: representação do *entre-lugares*. Trata-se do animador da folia, às vezes a *ligação* entre foliões e donos da casa, quando, extrovertidamente,



solicita comidas, bebidas e ofertas. Assume ainda o papel animador ao abraçar ou apertar as mãos dos que se fazem presentes, imediatamente apresentando algumas de suas canções, repentes e paródias, ou mesmo contando piadas.

Não é comum a cena do bêbado desrespeitando o líder ou qualquer membro do reisado e vice-versa. Parece haver entre eles um clima de harmonia, estreitado apenas pelos olhares ou no máximo a um tom de voz. Quando o bêbado parece querer incomodar o momento religioso, basta apenas um movimento de censura do líder dos reis ou quaisquer dos demais presentes para que o mesmo se aquiete. Por mais bêbado que esteja, esse indivíduo não tem dificuldade em discernir claramente o sagrado do profano. Quando no momento profano, consegue ser mais profano dentre todos os da casa; quando no momento sagrado, acompanha com personalidade as ordens do líder, chegando inclusive a censurar os distraídos que continuam a conversar diante do louvor.

### **Terno de Reis: um universo simbólico de poder.**

Em Durkheim, podemos observar as formas de classificação de poder, que deixam de ser transcendentais, ou seja, universais e assumem o papel de *formas sociais* – arbitrárias e socialmente determinadas. Assim, a objetividade do sentido do mundo é definida a partir da concordância das subjetividades estruturantes – em que senso não difere do consenso.

Bourdieu (1998) acrescenta que, num estado de campo onde é possível perceber o poder por todas as partes, é importante ressaltar a necessidade em saber descobri-lo, nos locais onde ele se deixa ver menos, onde está mais completamente ignorado. Para Bourdieu, poder simbólico é aquele poder invisível que só pode ser exercido a partir da cumplicidade dos que ignoram sua sujeição ou seu exercício.

Os sistemas simbólicos, “como instrumento de conhecimento e de comunicação, só pode exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnosiológica*” (BOURDIEU, 1998, p. 09). Bourdieu supõe aquilo que Durkheim chamou de *conformismo lógico*, ou seja, uma ideia não heterogênea de tempo, espaço e causa.

O conformismo lógico do Terno de Reis de Ouro Verde, ciclicamente estruturante, está estruturado nos símbolos de integração social. Esta é a lógica que contribui no sentido de



reproduzir fundamentalmente a natureza da ordem social: integração lógica igual à condição da integração moral.

No universo de poder do reisado, está mais do que evidente que os símbolos são instrumentos de integração social. De todas as representações que compõem o universo reiseiro, o *estandarte* é o mais emblemático. O estandarte seria um elo responsável por unir reiseiros e donos das casas, às vezes, mediando conflitos com próprios donos das casas; afinal, o indivíduo que recebe o Terno, permanecendo com o estandarte até o louvor final, passa a ser o “poderoso” do momento.

O estandarte é um instrumento complexo no mundo do reisado. Não pode ficar encostado em paredes, geladeiras ou armários e sim nas mãos do visitado, como uma espécie de guardião do presépio. Está posto à frente do cortejo, trilhando o caminho dos que seguem. Enfim, o estandarte é imediatamente “sociabilizante”, quando aproxima as pessoas que desejam tocá-lo ou de alguma forma estar perto dele. O estandarte é o poder que media as relações trilhadas pela passagem do Terno de Reis de Abaíra.

### **Considerações Finais**

Neste artigo procurando demonstrar que o reisado da Chapada Diamantina é um tipo de manifestação cultural cuja formação está no período colonial, quando do processo de hibridização cultural lusitana, indígena e africana. Meu argumento principal está em observá-lo enquanto uma manifestação cultural *da roça*.

Em sendo da roça, o Terno de Ouro Verde possui características que melhor se apresentam na atmosfera rural e que, ao contato com as Sedes locais, experimentam conflitos e tensões. Afirmo ainda que o reisado continua em virtude do processo de refazer cultural, a partir das reconfigurações e hibridizações. Por se reconfigurar e hibridizar, o reisado não está posto no tempo com algo rígido e acabado; elementos novos de seu universo fazem com que novas gerações possam se identificar com a folia e assim ela é passada de geração a geração.

### **Bibliografia**

AGUIAR, Pinto de (Org.). **Bailes pastoris na Bahia**. Salvador: Imprensa, 1957.

ALMEIDA, Kátia Lorena Novais. **Alforrias em Rio de Contas – Bahia- Século XIX**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.



ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade e cosmologia da tradição**. Belém: Eduepa, 2001.

AMARAL LAPA, José Roberto do. *Formação do Brasil Contemporâneo*. In: **Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico** / Lourenço Dantas Mata (Organizador) – 4ª Ed. – São Paulo: Editora SENAC, 2004.

AMORIM, Luciana Correia de. **As Festividades Religiosas e a Relação com o Poder em Rio de Contas**. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste Bahia, 2006.

AMORIM, Sônia Maria Costa de. **Carnaval e máscaras: A magia da cena brincante da cidade de Rio de Contas**. Salvador. Ed. Autor, 2006.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular** (Coleção Primeiros Passos). 7ª Edição. São Paulo, Brasiliense, 1984.

ARAÚJO, Nelson. **Pequenos Mundos: Um panorama da cultura popular da Bahia**. Salvador: UFBA, Fundação Casa de Jorge Amado, 1988.

\_\_\_\_\_. **Folclore e política**; seguindo de uma bibliografia da cultura popular baiana. Salvador, Universidade Federal da Bahia/Inamá, 1988.

AYALA, Marcos e Maria Ignez Novais. **Cultura Popular no Brasil** (Série Princípios). São Paulo, Ed. Ática, 1978.

BAHIA. Secretaria da Cultura e Turismo. Coordenação de Cultura. **Guia Cultural da Bahia. Chapada Diamantina**. Salvador: a Secretaria, 1999.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais/Mikhail Bakhtin**; tradução de Yara Frateschi Vieira, - São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BANDEIRA, Renato Luís Sapucaia. **Chapada Diamantina: história, riquezas e encantos**. 4 Ed. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, EGBA, 2006.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias**. Petrópolis, Vozes, 1973.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. São Paulo: Brasiliense, 12 ed, 1982.  
BURKE, Peter. **Varieties de história cultural**. Tradução de Alda Porto; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.





CARVALHO, Domingos Ailton Ribeiro de. **Tradição e Memória dos Ternos de Reis na cidade de Jequié (Recortes de Memórias)**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Seleta**. Organização, notas e estudos de Américo de Oliveira Costa. Nota de Paulo Ronai. Rio de Janeiro, editora José Olympio, INL, 1972.

CHARTIER, Roger. “Leituras populares”. In: **Formas e Sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Trad. Maria Lourdes M. Matencio. Campinas, São Paulo: Mercado da Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

CHILDE, G. **O que aconteceu na História**. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia – Introdução à ciência da sociedade**. 3ª. Ed. São Paulo: Moderna, 2005.

COUTO, Edilece Souza. *Devoções, festas e ritos: algumas considerações*. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**, ano 1, nº. 1, 2008, p. 1-10.

DELUMEAU, Jean. **Nascimento e Afirmação da Reforma**. São Paulo: Pioneira, 1989.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**; tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. 8ª. Ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.

\_\_\_\_\_. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo, Edições Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: A essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros, Rio de Janeiro, IBGE, 1958.

FAZ CIDADÃO: **Estratégia Integrada de Desenvolvimento Local**. *Plano de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável do Município de Piatã*. Ilhéus – Ba, 2002.

FERREIRA, Manoel Jesuíno. **A Província da Bahia: Apontamentos**, Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1875.

FERRETTI, Sergio. *Cultura e religião popular em Gramsci e religiões afro-brasileiras*. In: REILY, Suzel A. & DOULA, Sheila M. (Org) **Do folclore à cultura popular**. Anais do Encontro de Pesquisadores em Ciências Sociais. São Paulo: Codac/Dep. Antropologia/USP, 1990.

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da família patriarcal**. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1980.

GOMES, Josildete. *Povoamento da Chapada Diamantina*. In: **Anais do Segundo Congresso de História da Bahia**, Salvador, IGHB, 1952.



GRAMSCI, A. *Observações sobre o Folclore*. In: **Literatura e Vida Nacional**, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1978.

HALL, S. *Estudos culturais e seu legado teórico*. In: **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv (Org). Belo Horizonte / Brasília: Editora UFMG / UNESCO do Brasil, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. – 26 Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro: 1550 – 1800**. Petrópolis: Vozes, 1974.

IPAC - **Inventário de Proteção do Acervo Cultural** Equipe PPH/SIC, 1978.

IRDEB: Documentário Bahia Singular e Plural. **Encontros de Reis da Chapada**, 2000.

\_\_\_\_\_. **Folia de Negros – Festas de Reis**, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ternos y Folias: Fiestas de Reyes**, 1999.

LAPA, José Roberto do. *Formação do Brasil Contemporâneo*. In **Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico** / Lourenço Dantas Mata (Organizador) – 4ª Ed. – São Paulo: Editora SENAC, 2004.

LIMA SANCHES, Nanci Patrícia. **Os livres pobres sem patrões nas Minas do Rio de Contas/Ba – Século XIX (1830 – 1879)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

MEIRELLES, Domingos. **As noites das grandes fogueiras: Uma história da Coluna Prestes**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

MORAES, Walfredo. **Jagunços e heróis, a civilização do diamante nas lavras da Bahia**. 5ª ed. Bahia: Empresa Gráfica da Bahia / Assembleia Legislativa, 1997.

MORAIS FILHO, Melo. 1843-1919. **Festas e tradições populares do Brasil**, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Sertanejos que se venderam contratos de trabalho sem remuneração ou escravidão dissimulada?** Afro-Ásia, 1997.

PINA, Maria Cristina Dantas. *Os negros do diamante: Escravidão no sertão das Lavras Diamantinas – século XIX*. In: **Politéia: História e Sociedade** / Revista do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2001.

PINHO E BRAGA, Clarissa Bittencourt de. **Sujeito oculto na Chapada Diamantina. Anais do V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Faculdade de Comunicação,**



UFBA, Salvador, 2009.

\_\_\_\_\_. *Seres Assombrados do Planalto da Bahia*. **Revista Língua e Literatura**, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2007.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. Ed. Brasiliense. São Paulo: 1996.

QUEIROZ, Maria Isaura de. **O campesinato brasileiro: Ensaio sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**, Vozes, 1973.

QUEIROZ, Suely R. Reis de. **A abolição da escravidão**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, Renata Trindade. **Sobrados e Coretos: breve história de dez municípios do interior da Bahia e suas Bandas de Música contempladas pelo projeto Domingueiras**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2005.

SAMPAIO, Eliane Pinheiro Navarro. *Ouro Diamantes e ecoturismo no antigo território dos Jês: Estudo sobre o Patrimônio Cultural da Chapada Diamantina*. In: D. P. Trevizan (org). **Comunidades sustentáveis a partir do turismo com base local**. Salvador/Ilhéus: Editus, 2006.

SAMPAIO, Teodoro. **O Rio São Francisco e Chapada Diamantina**. (Org. José Carlos Barreto de Santana). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANDRONI, Carlos. **Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro, 1917-1933**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. UFRJ, 2001.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. São Paulo: UNESP. Salvador, BA: EDUFBA, 2001.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIANNA, F.V. **Memória sobre o Estado da Bahia**. EGBA: Salvador, Bahia, 1893.

VIEIRA, Sulamita. **O Sertão em movimento: A dinâmica da produção cultural**. São Paulo: Annablume, 2000.

VOVELLE, Michel. *O popular em questão*. In: **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1991.